

SENTIDOS DE BIBLIOTECA ESCOLAR NO DISCURSO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Ludmila Ferrarezi*
Lucília Maria Sousa Romão**

RESUMO

Aborda a biblioteca escolar através de uma perspectiva multidisciplinar que envolve as áreas de Ciência da Informação, Análise do Discurso Francesa e Educação. Busca compreender de que maneira é construído o imaginário sobre esta instituição, no âmbito da Ciência da Informação, e refletir sobre como este simbólico é influenciado pelas condições sociais, históricas e ideológicas de produção dos discursos e pela memória discursiva. Para desenvolver tais questões, em primeiro lugar, realiza uma breve revisão de literatura a respeito da Análise do Discurso; em seguida, analisa os discursos sobre a biblioteca escolar presentes em dezenove documentos científicos (artigos e trabalhos apresentados em eventos), os diferentes sentidos delineados para esta unidade de informação, seus objetivos e formas de constituição no imaginário social. Conclui que os profissionais da informação podem e devem colaborar para a circulação de novas práticas e sentidos nas bibliotecas escolares.

Palavras-chave: BIBLIOTECA ESCOLAR
DISCURSO
SENTIDO
ANÁLISE DO DISCURSO
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

* Bacharel em Ciências da Informação e da Documentação e Biblioteconomia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Mestranda em Psicologia pela mesma instituição. E-mail: mila_fer2003@yahoo.com.br.

** Docente da Graduação em Ciências da Informação e da Documentação, da Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP/USP e da Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da UFSCar. E-mail: luciliamsr@ffclrp.usp.br.

I INTRODUÇÃO

Foi realizando um trabalho investigativo e reflexivo - através do qual buscamos os rastros deixados pelos sujeitos, pelos dizeres enunciados e, também, pelos silenciados - que procuramos constituir uma “*escavação arqueológica*” nos moldes propostos por Foucault (2000), pela qual, empreendemos a “*tarefa de escovar palavras, de recuperar sentidos já falados, de desenravar a memória dormente.*” (ROMÃO, 2004, p.57). Partindo deste objetivo, apresentamos parte de uma pesquisa realizada sobre o imaginário atribuído à biblioteca escolar, em que analisamos, segundo a perspectiva da Análise do Discurso, dezenove documentos

científicos¹ (artigos e trabalhos apresentados em eventos) que discursivizam sentidos sobre esta unidade de informação.

É importante observarmos que a biblioteca escolar é um tema que vem sendo mais discutido ultimamente, ganhando um pouco mais de visibilidade, com a criação de grupos de estudos e a realização de encontros de pesquisa sobre o tema, dentre outras ações que refletem na produção da literatura científica sobre esta instituição. Entretanto, apesar desse aumento gradativo, marcamos que ainda há um déficit de literatura sobre o tema, se compararmos com outros concebidos como mais modernos. Sendo assim, é muito importante que a biblioteca escolar

¹ Os textos analisados, publicados entre 1998 e 2007, foram retirados da base de dados eletrônica LIBES- Literatura Brasileira em Biblioteca Escolar, disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/libes/>>.

seja discursivizada por múltiplos sentidos, para que ela possa ocupar a posição de destaque que merece; necessidade esta que nos motivou a inscrever sentidos sobre ela.

2 SENTIDOS EM (DIS) CURSO

O sentido não é capaz de permanecer quieto, ferveilha de sentidos segundos, terceiros e quartos, de direções irradiantes que vão se dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista. - José Saramago

Entendendo a língua como uma prática social, procuramos analisar as relações existentes entre os sentidos de biblioteca escolar, que não são transparentes, naturais ou ingênuos, visto que se sustentam em relações ideológicas. Assim sendo, buscamos observar, através dos discursos sobre esta unidade informacional, as relações de força existentes entre os sujeitos que são levados à significá-la de determinada maneira, e não outra, através de sentidos que são repetidos, interditados ou deslocados. Para empreendermos esta tarefa, lançamos mão da Análise do Discurso francesa que, segundo Orlandi (2003a), não procura extrair o sentido do texto, mas busca compreender o processo discursivo, constituindo-se como “o espaço incerto e tenso entre a Língua e a História, onde ambas se encontram presas e em confronto” (FERREIRA, 2003, p.201). Sob o signo da heterogeneidade, delineiam-se os embates nos quais diferentes sujeitos disputam espaços de dizer, um mecanismo que rege o discurso que, neste sentido, “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2005, p.10). O discurso não pode ser tomado como transmissão de informação, mas como um efeito de sentidos” (ORLANDI, 2003a); não deve ser confundido nem com o discurso empírico sustentado por um indivíduo nem com o texto no qual está encapsulado um conteúdo fixo. (MALDIDIER, 2003). Assim como Orlandi (2003b), concebemos o discurso como linguagem em interação, considerando-o em relação às suas condições de produção e à posição ocupada pelo sujeito no momento da enunciação.

Marcamos que “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes”

(PÊCHEUX, 1997, p. 92), ou seja, é a ideologia que estabelece a constituição dos sentidos, que não são pré-determinados, nem estão colados às palavras, conforme explica Pêcheux (1997, p.160-161):

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’[...] as palavras, expressões, proposições, etc., mudam sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito [...] as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas.

Condição de produção dos sentidos, a ideologia também é essencial para a constituição dos sujeitos, que ocorre através do processo em que “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1997, p. 161). Assim, acreditando ilusoriamente que é o dono do dizer e que controla a produção de sentidos - esquecimentos 1 e 2 de que Pêcheux (1997) nos fala - o sujeito é levado a filiar-se à determinada formação discursiva- FD, ocupando a posição que lhe parece natural e evidente e, assim, inscrevendo sentidos possíveis a partir deste lugar. Além de ser atravessado pela ideologia - mecanismo que disponibiliza os sentidos -, o sujeito é afetado pelas palavras de outros sujeitos, constituindo-se como plural, descentrado, “constitutivamente heterogêneo, da mesma forma que o discurso o é” (MUSSALIM, 2001, p. 134), podendo, assim, inscrever-se em diferentes formações ideológicas e discursivas. Observamos que, quando falamos em sujeito, não nos referimos ao indivíduo empírico, mas a um sujeito discursivo que é uma posição (ORLANDI, 2003b; 2006), ou seja, “que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não outro.” (FERNANDES, 2005, p.33-4). E falar sobre isso nos convida a considerar o imaginário como

constitutivo do discurso, pois são as imagens dos sujeitos, resultado de projeções, que funcionam na linguagem. Tais projeções permitem passar das situações empíricas (lugares do sujeito) para as posições dos sujeitos no discurso, significadas a partir da exterioridade e da memória discursiva. Através do mecanismo imaginário, são produzidas, além das imagens dos sujeitos, imagens do objeto discursivo. Sendo assim, o jogo de formações imaginárias preside a troca de palavras e constitui as diversas posições que podem ser assumidas pelo sujeito. (ORLANDI, 2003b).

Para que possa enunciar, é necessário que o sujeito sustente um já-dito (visto que ele não é a fonte do seu dizer), isto é, que ele se filie a zonas do interdiscurso que, segundo Malidier (2003), constitui-se à revelia do sujeito como um espaço discursivo-ideológico em que se desdobram as formações discursivas. É o “conjunto de formulações já-ditas e esquecidas e que são irrepresentáveis” (ORLANDI, 2006, p.22); a tal voz sem nome de que fala Foucault (2005), que precede a nós enquanto sujeitos do discurso, no momento da enunciação. Assim, a memória discursiva permite todo o dizer e é condição do dizível. Posto isto, consideramos que é escavando os sentidos enunciados e cravados no discurso pela memória discursiva que analisaremos as representações imaginárias sobre a biblioteca escolar, materializadas no discurso científico da Ciência da Informação.

3 O IMAGINÁRIO SOBRE A BIBLIOTECA ESCOLAR NO DISCURSO CIENTÍFICO

O imaginário das bibliotecas é atravessado por tensões contraditórias, representações e valorizações antitéticas dos saberes. É um espaço de confronto, de sonhos e pesadelos, onde vêm se inscrever as angústias e esperanças de uma época, e também suas contradições e confusões. - Jean-Marie Goulemot

O imaginário acerca da biblioteca escolar é um “espaço de confronto” que, para nós, faz com que não haja apenas uma rede de sentidos possíveis para esta instituição. Por meio de diferentes vozes que se enfrentam, pudemos observar a construção de estereótipos para a biblioteca escolar, sentidos cristalizados que ora

inscrevem-na como um centro de recursos de informação para o ensino e aprendizagem, ora configuram-na como um estático depósito de livros e de gentes. Assim sendo, o imaginário delineado para a biblioteca escolar não é único. Em determinadas condições, alguns sentidos prevalecem, sendo legitimados, enquanto outros são silenciados. Estas “tensões contraditórias”, citando ainda o autor francês, poderão ser observadas nas subseqüentes análises, pelas quais, deparamo-nos com uma série de repetições, ressignificações e rupturas de sentidos que, para o sujeito, são apagadas e tidas como naturais.

Ao longo de nossa análise, fomos percebendo que os dizeres científicos sobre a biblioteca escolar filiavam-se, principalmente, à duas formações discursivas principais, que não são estanques, estando presentes, muitas vezes, em um mesmo discurso enunciado pelo sujeito-profissional e sujeito-pesquisador. A primeira dessas FDs corresponde ao imaginário de valorização e idealização da biblioteca escolar e a segunda refere-se aos sentidos que concebem esta instituição de forma mais restrita e negativa; faremos agora um passeio por esta primeira forma de discursivizar a biblioteca escolar.

Inferimos que são recorrentes os sentidos que enunciam os novos discursos sobre uma biblioteca escolar mais valorizada e moderna, que se insere em uma sociedade informacional como lugar fundamental para o processo de ensino e aprendizagem. Os discursos inscritos nessa FD bradam em uníssono o funcionamento regularizado de valorizar a biblioteca escolar e afastá-la da imagem de um lugar estático de guarda de livros, tratando-a como um dinâmico espaço de troca de saberes.

A biblioteca constitui-se em um lugar de encontro e intercâmbio dos saberes professados e dos produzidos por gerações passadas e atuais, em diferentes contextos, armazenados em diferentes meios e transmitidos por diversificados canais. (CASTRO, 2003, p.64).

Concebida como uma instituição transmissora de conhecimento, a biblioteca escolar é falada, nesta FD, como um centro de investigação e aprendizagem indispensável para o ensino, como os recortes seguintes materializam:

Portanto, entre os diversos recursos educativos encontra-se a biblioteca,

considerada um **recurso indispensável para o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem** e formação do educando/educador. (PERUCCHI, 1999, p.82, grifo nosso).

A Biblioteca é **uma das forças educativas mais poderosas de que dispõem estudantes, professores e pesquisadores**. O aluno deve investigar, e a biblioteca é **centro de investigação** tanto como o é um laboratório para os cientistas. (KIESER; FACHIN, 2000, p.2, grifo nosso).

A biblioteca escolar é considerada como um **centro ativo de aprendizagem**, possuindo um duplo sentido: 'é ao mesmo tempo, um elemento de conservação e um centro de comunicação' (Ibid, p.19), mas o conceito moderno atualiza a função de comunicação, como suporte informacional (MARTUCCI; MILANI, 1999, p.79, grifo nosso).

Dentro deste contexto, a **biblioteca escolar fazendo parte da vida acadêmica** desde as séries iniciais, **necessita assumir um papel importante no processo do conhecimento**. Portanto, a organização de todas as informações nela contida deve estar disponível para o uso dos alunos, professores e comunidade. (PINHEIRO; SILVA, 2004, p.1, grifo nosso)

Ressaltamos que este efeito de reconhecimento da importância da biblioteca escolar marca um movimento de retomada dos sentidos legitimados no/pelo discurso oficial que atesta, também, a postura elegida, atualmente, como desejável para a biblioteca escolar assumir, assim como, o papel e as funções consideradas mais adequadas. Estas recomendações são extensamente parafraseadas nos documentos científicos, utilizadas como parâmetros para as atividades já realizadas ou futuras. Elas se referem às instalações da biblioteca, ao acervo, aos demais tipos de recursos, às posturas a serem adotadas e outras diretrizes que constituem um já-dito, já naturalizado no/pelo discurso científico, que se desdobra em outros dizeres sob o efeito de atualização desse já-dito. Apresentaremos, a seguir, alguns recortes que materializam estes sentidos de ordem e estabilização do lugar a ser ocupado pela biblioteca escolar. Em relação ao espaço da biblioteca, frisa-se a necessidade de que

ele seja agradável e aconchegante, permitindo a plena realização das atividades educativo-culturais.

Para Borba (2000, p. 42) 'É importante que o local onde se realiza a troca de informações biblioteca seja agradável e convidativo [...]'. Também há a necessidade de espaços próprios para acomodar acervo, usuários e funcionários. (GARCEZ, 2007, p.62).

Boa infra-estrutura é essencial. Bancos acolchoados e pufes espalhados pelo espaço criam um ambiente acolhedor. Dedique atenção especial à iluminação da sala. O piso emborrachado permite que a criança leia sentada no chão e fantasias atijam a criatividade. (PRADO, 2003, p.2).

O acervo, que é um dos aspectos mais apontados na literatura científica sobre a biblioteca escolar, assume, nesta FD, um efeito de pluralidade que não se restringe ao livro, incluindo vasta gama de recursos de informação e tecnologia, que visam suprir as necessidades de ensino e pesquisa:

A escola, por meio da biblioteca, deve fornecer subsídios para que o aluno tenha no decorrer de sua formação acadêmica, **um acervo condizente as suas necessidades de estudo e pesquisa**. (PINHEIRO; SILVA, 2004, p.7, grifo nosso).

Todo o acervo básico, processo embrionário da formação de bibliotecas escolares, **pode e deve ser diversificado, em tipos de material e suportes** nos quais é apresentado, a fim de compor um centro que estimulará a criança e o adolescente a adquirir o gosto pela leitura. (KIESER; FACHIN, 2000, p.9, grifo nosso).

O uso de **recursos hipertextuais e interativos** devem ser estimulados (CAMPELLO et al., 2001, p. 84, grifo nosso).

Por meio destes recursos tecnológicos, a biblioteca escolar é inserida, neste discurso, em um novo contexto sócio-histórico, no qual, ela se desvencilharia das antigas concepções restritas que, por muitas vezes, prendem-na a um passado marcado pela estagnação e desprestígio social. Neste novo paradigma, ela é falada como

uma moderna instituição promotora do saber na era da informação, que deve ser delineada pela pluralidade, dinamismo e interação com a escola. É interessante observarmos que as formulações abaixo marcam um outro modo de apresentar a biblioteca escolar, fazendo falar um imaginário sobre a própria instituição escolar que, como sabemos, está muito distante das condições de produção de muitos enunciados ditos por sujeitos-escolares a pontuar o efeito de tédio e marasmo em relação à biblioteca escolar. Adiantamos aqui, então, a emergência de um litígio discursivo a ser ampliado oportunamente:

Nesse sentido, a biblioteca escolar como um dos meios de **transmissão do saber, deve utilizar todos os recursos que hoje estão disponíveis para estar engajada nesse mundo repleto de informações**, ofertando meios para a comunidade na qual está inserida o acesso a **informação atualizada**. (PINHEIRO; SILVA, 2004, p.1, grifo nosso).

Em função do processo de ensino-aprendizagem, deve criar e manter um **ambiente educacional rico, variado e dinâmico** que contribua para o desenvolvimento de um currículo ativo e flexível. (MARTUCCI; MILANI, 1999, p. 80, grifo nosso).

Deve ser um **espaço aberto, de livre acesso** e desempenhar funções específicas dentro da estrutura escolar, como: **participar do planejamento pedagógico; das programações culturais e técnicas escolares**. (KIESER; FACHIN, 2000, p.2, grifo nosso).

Diversas outras posturas são recomendadas para que a biblioteca escolar imaginariamente se adapte a este novo contexto, desde aquelas referentes à sua organização (HILLESHEIM; FACHIN, 2000) até às relacionadas às políticas adotadas e ao incentivo à leitura.

Na Educação Infantil e nas primeiras séries do Ensino Fundamental, o ideal é deixar os livros em estantes-caixotes. Mais baixas, elas facilitam a visualização da capa, fator de escolha para quem não lê bem. Se tiverem rodinhas, elas podem ser levadas ao pátio. (PRADO, 2003, grifo nosso).

À hora do conto pode ser na Escola um momento interessante para o incentivo à leitura conforme afirma Malba Tahan no seu livro *A arte de ler e contar história*, ao indicar as finalidades didáticas das histórias infantis, tais como o desenvolvimento de atitude favorável diante da leitura; ocupação sadia das horas vagas; enriquecimento do vocabulário; facilidade de expressão; aperfeiçoamento da linguagem e da capacidade de atenção, aquisição de novos conhecimentos e orientação do pensamento. (SILVA, 1998, p.176, grifo nosso).

Uma Biblioteca Escolar que visa à interação de alunos, professores e informação para facilitar o processo ensino-aprendizagem, deve ter:

- horário adequado e flexível aos usuários; seleção adequada do acervo ao seu usuário; organização e estruturas definidas; acesso livre, com empréstimo domiciliar; políticas desenvolvidas entre o bibliotecário e outros profissionais da escola para incentivar a leitura; conhecimento dos motivos que levam o aluno à biblioteca; investimento na atualização do acervo é torná-lo cada vez mais adequado à clientela escolar; investimento na constante atualização do profissional habilitado; atividades de integração entre professores e bibliotecários. (KIESER; FACHIN, 2000, p.12, grifo nosso).

Outra regularidade encontrada nessa FD diz respeito às diretrizes que, especificamente, os acadêmicos e os profissionais da informação deveriam seguir para que pudessem emergir novos sentidos de biblioteca escolar, a saber, efeitos de prazer e aprendizado no espaço da biblioteca escolar.

As Escolas de Biblioteconomia deveriam trabalhar e buscar constantemente o trabalho em parcerias com os diversos tipos de bibliotecas e em especial com as escolares, para tornar possível que os futuros profissionais conheçam as atividades e a realidade das bibliotecas escolares. Além disso, estariam colaborando para a valorização e fortalecimento da Biblioteca Escolar, mostrando que a biblioteca na escola pode colaborar nas atividades de ensino-aprendizagem, transformando os seus alunos em cidadãos críticos e criativos,

além de leitores natos. (HILLESHEIM; FACHIN, 2000, grifo nosso).

E para o bibliotecário, já 1994, Graça Maria Fragoso (1994) mencionava que **é necessário** promover a produção de textos, incentivar o leitor a recriar o que vivência e nesse ambiente dinâmico incorporar as novas tecnologias de informação e comunicação. (BLATTMANN; CIPRIANO, 2005, grifo nosso).

O **bibliotecário no ambiente educacional precisa** estar apto a desenvolver o papel de educador quando criar políticas internas para incentivar a prática cultural na biblioteca entre as quais em organizar mostras culturais, contação de histórias, sessões de teatro e cinema, dia de autógrafa com autores, gincanas de leitura e interpretação, criação de textos entre outros. (BLATTMANN; CIPRIANO, 2005, grifo nosso).

Estes profissionais, juntamente com os educadores, são apontados como os principais agentes de mudanças nas bibliotecas escolares, sendo-lhes atribuídos papéis e representações a serem cumpridos, visto que são legitimados pela autoridade conferida aos discursos científicos e, também, aos oficiais, nos quais eles se apóiam. Estes dizeres oficiais constituem uma regularidade deste funcionamento discursivo e uma heterogeneidade constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 1990), que corresponde às diversas vozes atravessadas no discurso do sujeito, de forma implícita, através do retorno ao interdiscurso.

O problema da exigüidade das coleções, já superado em países desenvolvidos, ainda persiste na realidade brasileira e precisa ser enfrentado, como passo importante para se alcançar a diversidade do acervo sugerida pelos organismos interessados na biblioteca escolar, que permita a biblioteca **propiciar o acesso efetivo aos materiais** e apoiar a **formação de leitores competentes e cidadãos críticos e responsáveis**. (ABREU et al., 2004, grifo nosso).

Assim, a biblioteca no ambiente educacional tem como função desenvolver também atividades de ensino, cultura e lazer, além de **despertar o gosto pela leitura, preparando o indivíduo para**

assumir uma atitude crítica aos problemas de uma **sociedade mutante** e transnacional. (BLATTMANN; CIPRIANO, 2005, grifo nosso).

A biblioteca, indiferente se no ambiente educacional, empresarial, na comunidade, precisa centrar ações para **estimular o prazer da leitura** nos diferentes níveis (BLATTMANN; CIPRIANO, 2005, grifo nosso).

Daí, porque, a **formação do leitor mais complexo e crítico** deverá contribuir para fornecer bases para a **aprendizagem ao longo de toda a vida**, não só dentro da escola ou no trabalho, mas independente deles. (CARVALHO; PONTES, 2003, p.341, grifo nosso).

Embora não mencionados, percebemos o diálogo existente entre estes recortes e documentos que analisamos, no decorrer da pesquisa realizada, como o Manifesto IFLA/ UNESCO para biblioteca escolar e a Declaração Política da IASL sobre Bibliotecas Escolares. Por meio deles, propagam-se, repetidamente, os sentidos acerca dos papéis da biblioteca escolar em relação à promoção da informação e do conhecimento, para que se estimule, através da leitura e aprendizagem constantes, a formação de um cidadão crítico e responsável. Nos recortes abaixo, podemos observar a presença marcada dessas outras vozes, que instauram estes sentidos sobre o papel da biblioteca escolar e, também, do profissional da informação.

Nesse sentido, a **International Association of School Libraries – IASL**, por exemplo, no documento em que expõe sua política com relação à biblioteca escolar, declara que ela deve contar com 'uma ampla gama de recursos, tanto impressos como não impressos, incluindo recursos eletrônicos e acesso a informações que promovam a consciência da própria herança cultural das crianças e forneçam a base para o entendimento da diversidade de outras culturas' (IASL, 1995). A **Unesco, no seu Manifesto sobre as Bibliotecas Escolares** também recomenda acervos variados. (ABREU et al. 2004, p.22, grifo nosso).

O **Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar** (2005, p. 2) defende que a escola através de sua biblioteca

'[...] [ofereça] oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento [...]' (GARCEZ, 2007, p.61, grifo nosso).

Além da retomada dos dizeres presentes nos documentos oficiais citados acima, há outros documentos tidos como padrão, como prova do que é autorizado circular acerca da biblioteca escolar e das atividades atribuídas ao seu ambiente. Dentre eles, destacamos os documentos do MEC, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Modelo Flexível para um sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (da Organização dos Estados Americanos) e a obra de Kuhlthau do ano de 2004, que apresenta uma metodologia para o ensino do uso de recursos informacionais e a pesquisa escolar. Seguem alguns recortes que materializam esta retomada de sentidos:

Segundo os **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**, a leitura é sempre um meio, nunca um fim. Por isso, na escola ela deve ter várias funções, pois é diferente ler para se divertir, ler para escrever, ler para estudar, ler para descobrir algo que deve ser feito etc. Os PCN **recomendam que o acervo da biblioteca seja variado, que nos momentos de leitura livre o professor leia junto com a turma e que os alunos também possam, em alguns momentos, escolher as próprias leituras e levar os títulos para casa.** (PRADO, 2003, p. 3, grifo nosso).

No Brasil não existem documentos institucionais que delineiem o acervo ideal de uma biblioteca escolar. O **Modelo Flexível para um Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares**, traduzido por Walda Antunes e que teve ampla divulgação no país na década de 1980, sugere basicamente as mesmas características já mencionadas [...] (ABREU et al. 2004, p.23, grifo nosso).

Com cada faixa etária é possível um tipo de trabalho diferenciado na biblioteca. **As sugestões a seguir foram criadas por Carol Kuhlthau**, da Rutgers University, nos Estados Unidos, em seu livro *Como Usar a Biblioteca na Escola*. (PRADO, 2003, p.2, grifo nosso).

Nos últimos recortes, observamos que há uma voz oficial legitimada pela ideologia dominante a se cruzar com outras vozes marcadas no discurso científico, (res)significando a biblioteca escolar a partir de um lugar em que pese a necessidade de normatização, recomendações sobre a importância e um suposto lugar de destaque. Tanto os dizeres que conceituam a biblioteca como uma importante instituição da sociedade da informação, quanto àqueles que recomendam as práticas que devem ser seguidas para a sua inserção neste paradigma, inserem-se na primeira FD que apontamos, visto que delineiam a biblioteca escolar como um órgão importante, valorizado e imprescindível na escola e na sociedade brasileira, sem levar em consideração se esta posição discursiva corresponde à realidade presente nas escolas brasileiras.

Marcamos que é importante o reconhecimento da biblioteca escolar e a existência destes parâmetros, para que o profissional atuante na biblioteca saiba o que é esperado do seu trabalho e que possa direcionar suas ações profissionais para tais objetivos, tentando executá-las da melhor forma. Entretanto, ressaltamos que se deve analisar o contexto no qual a instituição se insere, aproximando este arquétipo de biblioteca ideal, de um padrão real, possível de ser alcançado. Além disso, é fundamental que o sujeito-bibliotecário escute as várias vozes dos livros compreendendo a linguagem como organismo vivo, passível de falha, equívoco e maleabilidade, considerando, desse modo, os sentidos sempre em movimento para além de sua literalidade. Por isso, julgamos ser importante levar em conta as condições de produção dos discursos e os movimentos de sentidos e sujeitos que nos permitem interpretar/ considerar o sócio-histórico-ideológico e o lingüístico inscritos no momento da enunciação.

Os sentidos sobre a biblioteca escolar, que se inserem na segunda FD apresentada, levam-nos a observar sentidos marcados pelos problemas que ela enfrenta na maioria das escolas brasileiras. Analisamos, assim, os discursos que enfocam esta limitação, e como eles constroem um imaginário que "*congela*" a biblioteca, influenciando nos seus movimentos de ressignificação no cenário nacional. Observamos que é através dos discursos que conferem à biblioteca escolar uma postura passiva, privilegiando seu aspecto

físico de depósito organizado de materiais, que esta instituição pode ser vista de forma restrita. Tais sentidos silenciam outros, que a entendem como um centro dinâmico de aprendizagem, de troca, e não, simplesmente, de acúmulo de saberes. Seguem alguns recortes em que se pode observar esta inscrição:

Considerando-se que a biblioteca constitui geralmente o **espaço coletivo que abriga os suportes**, procurando garantir seu acesso de forma democrática (CAMPELLO et al., 2001, p.72, grifo nosso).

A biblioteca escolar constitui, desta forma, uma **instituição** do sistema social **responsável pela organização de materiais** bibliográficos e não-bibliográficos, devendo disponibilizá-los para leitura e uso por toda a comunidade escolar: alunos, professores, pesquisadores, funcionários e a população em seu entorno. (VIANNA; CALDEIRA, 2004, p.1, grifo nosso).

A biblioteca seria, assim, o exemplo de modelo alternativo, onde o receptor passa a ser o sujeito ativo do processo de comunicação, por se constituir no **lugar onde as informações são estocadas e ficam à disposição do receptor que se dirige a elas e as escolhe** - na condição de sujeito da comunicação - recebendo-as de acordo apenas com seus interesses e motivações. O desafio da biblioteca é, portanto, situar-se no contexto dos sistemas de comunicação da sociedade, preservando seu modelo peculiar e, mais do que isso, criando condições para que os outros sistemas se adaptem ao dela. Assim, a **simples disponibilização do acervo conferiria à biblioteca uma dimensão pedagógica**. (ABREU et al., 2004, p.20, grifo nosso).

Assim, privilegiando-se os sentidos de guarda, a biblioteca é concebida de forma limitada, silenciando-se as inúmeras atividades de mediação do acervo, e tantas outras, que dão vida à uma biblioteca escolar. Esta visão mais restrita escapa, até mesmo, nas falas de sujeitos que enunciam sobre a biblioteca escolar apontando o “acesso de forma democrática”, a presença de “materiais bibliográficos e não-bibliográficos”, a atuação no “contexto dos sistemas de comunicação”, etc. É interessante observarmos como esses dizeres mais restritos retomam,

pela memória discursiva, os mesmos sentidos enunciados, há séculos, para as bibliotecas. Chartier (1999, p.70, grifo nosso) apresenta uma concepção de biblioteca, do fim do século XVII, presente no *Dictionnaire de Fuetière* (1690):

A primeira acepção é a mais clássica: ‘Biblioteca: **aposento ou lugar** onde se colocam **livros**; galeria, construção cheia de livros. Diz-se também de livros que são geralmente arrumados sob construções compridas e em arcos’. Segue-se um segundo sentido que designa não mais um espaço, mas um livro: ‘**Biblioteca é também uma coleção**, uma compilação de várias obras da mesma natureza, ou de autores que compilaram **tudo que se pode dizer de um mesmo tema**’.

Esses sentidos de/sobre biblioteca, após mais de trezentos anos, ainda hoje são amplamente difundidos, podendo referir-se, infelizmente, às bibliotecas escolares. Nos recortes acima, observamos a circulação de sentidos que reforçam a biblioteca como um espaço físico, um mero aposento, algo que já observamos nos documentos oficiais com a repetição dos significantes “local” e “lugar”. A acepção de biblioteca como coleção de livros é recorrente em documentos oficiais brasileiros que enunciam sobre a biblioteca escolar (FERRAREZI, 2007). Sendo assim, percebemos que sentidos seculares, cristalizados pelo efeito ideológico de evidência, insistem em retornar nos discursos contemporâneos, constituindo um já-dito presente nos vários e diferentes textos analisados. As marcas dessa falsa relação de sinonímia “biblioteca = acervo” podem ser encontradas nos trabalhos científicos analisados que, em grande parte, conferem um amplo destaque para as questões referentes à coleção da biblioteca. Marcamos que é, sob o efeito ideológico da repetição, que os sentidos são e formam-se tomados como unívocos. Reforçando este sentido, assinalamos a existência de textos normativos, cujo objetivo é apresentar um estudo de caráter quantitativo e de organização do acervo, como se pode observar nos recortes abaixo:

No sentido de aprofundar o conhecimento sobre os acervos, a presente pesquisa procurou **verificar o tamanho da coleção** na perspectiva da quantidade de livros disponíveis para

os alunos. Essa abordagem foi escolhida, tendo em vista que é a utilizada na maioria dos padrões quantitativos existentes, possibilitando comparações. (ABREU et al., 2004, p.20).

O texto foi organizado por área e dentro de cada área por nível (educação infantil e ensino fundamental), traçando-se um **perfil do acervo da biblioteca escolar** necessária a um projeto pedagógico nos moldes sugeridos pelos PCN. (CAMPELLO et al., 2001, p.72, grifo nosso).

Assim, aponta-se o número de materiais disponibilizados por alunos, se há, ou não, acesso às informações eletrônicas, por quais materiais deve ser composto o acervo, dentre outras informações traduzidas em números, tabelas e diretrizes que, por muitas vezes, pouco mostram e/ou levam a uma reflexão sobre a importância e a real função da coleção. A biblioteca não pode ser reduzida a um acervo que, para nós, não deve ser visto como um fim, mas, como um meio, adquirindo importância na medida em que é compreendido, planejado, adequado às necessidades, mediado e difundido, devendo, assim, ser considerado de forma menos mecânica. As informações referentes a um diagnóstico do acervo são muito importantes, mas devem ser o primeiro passo para uma série de outras discussões que insiram a biblioteca no patamar desejado. Da mesma forma, ao serem apresentados os vários problemas enfrentados pelas bibliotecas escolares, o intuito não deve ser apenas o de lamentar as condições precárias, mas sim, chamar a atenção para a biblioteca escolar.

Fazendo parte desta rede de efeitos de depreciação a respeito da biblioteca escolar, os dizeres que apontam a sua desvalorização social, precariedade e, até mesmo, a sua inexistência estão presentes na quase totalidade dos textos analisados, e em muitos outros que observamos. Estes dizeres são consequência das condições de produção dadas pelas grandes dificuldades presentes no sistema educacional, desde a instalação da primeira escola brasileira. Seguem alguns recortes, nos quais se pode observar estes sentidos que se relacionam, principalmente, às bibliotecas escolares da rede pública de ensino:

As bibliotecas nunca foram consideradas elementos importantes no sistema educacional brasileiro, seja no

ensino fundamental e médio ou mesmo nas universidades onde, muitas vezes, são consideradas apêndices. (KIESER; FACHIN, 2000, p.8, grifo nosso).

Dada a magnitude da rede escolar brasileira, ANTUNES (1993) afirma que **99% das escolas brasileiras teriam que fechar as suas portas, se a existência de bibliotecas fosse condição sine quanon para seu funcionamento.** (PERUCCHI, 1999, p.83, grifo nosso).

Diretores e coordenadores pedagógicos, de modo geral, expressaram preocupação com as dificuldades relativas à leitura dos alunos; mas, **quanto à biblioteca, há um desconhecimento do que realmente seja esta instituição,** enquanto órgão basilar para o desenvolvimento do ensino aprendizagem. (CARVALHO; PONTES, 2003, p.346, grifo nosso).

Das mais de 172 mil escolas de Ensino Fundamental, apenas 46 mil contam com biblioteca ou sala de leitura. O quadro melhora no Ensino Médio, com 81% das unidades aparelhadas. Além disso, muitas crianças brasileiras nascem em lares com pouco material escrito. (PRADO, 2003, p.1, grifo nosso).

A questão da deficiência, ou mesmo inexistência, de bibliotecas escolares não tem merecido estudo aprofundado por bibliotecários e pedagogos acarretando sérias consequências para a educação pública brasileira [...]. (CARVALHO; PONTES, 2004, p.1, grifos nossos).

Os alunos têm sentido a falta da Biblioteca como apoio às suas necessidades de informação; a comunidade escolar tem percebido a **falta de investimentos** na Biblioteca pelo pouco espaço existente, pelo acervo pequeno e desatualizado e pela falta de acesso à *Internet*. (GARCEZ, 2007, p. 72, grifo nosso).

As escolas londrinenses ainda não descobriram todo o potencial da biblioteca no processo educativo e, principalmente, seu inegável papel no desenvolvimento do conhecimento e das habilidades intelectuais do aluno.

(OLIVEIRA; MORENO, CRUZ, 1999, p.48, grifo nosso).

Os recortes acima instalam efeitos de abandono e o esquecimento, aos quais estão submetidas grande parte das bibliotecas escolares existentes no Brasil, marcando uma posição-sujeito antagônica àquela dada pelos discursos oficial e científico, marcados pela necessidade de normatização e pelo endeusamento da biblioteca escolar como lugar de produção e promoção da leitura e da pesquisa. Observamos, ainda, os discursos que apontam a natureza dos recursos faltantes a estas bibliotecas:

Com base na pesquisa, concluiu-se que: a biblioteca encontra diversos entraves para sua criação e funcionamento satisfatório. E nas escolas que possuem biblioteca, essas funcionam em estado precário, **faltando materiais adequados, local apropriado, funcionário disponível e qualificado para orientar alunos e professores e diversificação do acervo, sendo que o acervo em geral é pobre e não se renova.** Existem poucas bibliotecas escolares, e as existentes não satisfazem as necessidades de seus usuários. (PERUCCHI, 1999, p.94, grifo nosso).

No Brasil, vários indicadores apontam para um quadro pessimista de implantação, desenvolvimento e atuação das bibliotecas escolares, expressando sua precariedade de condições: **falta de espaço físico adequado, de mobiliário e equipamentos, falta de política de desenvolvimento de coleções, falta de pessoal em número e qualificação, falta de programas de capacitação de pessoal.** (MARTUCCI; MILANI, 1999, p.83, grifo nosso).

Esta carência de recursos, como podemos observar em Garcez (2007, p.59, grifo nosso), de tão constante, é tida como natural, conhecida por todos, sendo extensamente propagada e repetida pela literatura científica. É interessante como o uso da marca de indeterminação do sujeito “se” tem justamente essa função de estabelecer um saber já dado e aceito sem necessidade de questionamento:

Sabe-se que as dificuldades enfrentadas para equipar a biblioteca escolar são significativas, e que a falta de recursos pode comprometer a qualidade dos

serviços e produtos de qualquer segmento de uma instituição, mas é na biblioteca que se percebe que estes recursos demoram a chegar.

Alguns tópicos referentes às bibliotecas escolares são frequentemente apresentados como os pontos mais críticos, dentre eles, destacamos: o acervo, os recursos financeiros, materiais, eletrônicos e humanos:

Embora não haja no Brasil parâmetros absolutos para comparação, pode-se dizer que a **média de livros por aluno (3,56) é muito baixa.** (ABREU et al., 2004, p.31, grifo nosso).

Os **acervos das bibliotecas pesquisadas estão sobrecarregados com materiais não apropriados** (livros didáticos e livros do acervo de classe), resultado que parece refletir uma prática comum em bibliotecas de escolas públicas.. (ABREU et al., 2004, p.30, grifo nosso).

A realidade da biblioteca escolar tem mostrado que **a falta de recursos é fator decisivo para que a coleção vá se formando quase que exclusivamente por doações,** o que, na maioria das vezes, têm comprometido a qualidade e afastado os leitores, quer pela baixa atratividade do material, quer pela inexpressiva relevância do mesmo. (GARCEZ, 2007, p.62, grifo nosso).

A biblioteca escolar não dispõe de **equipamentos** próprios e, se dispuser de algum, este é uma máquina de escrever. (MARTUCCI; MILANI, 1999, p.92, grifo nosso).

É muito pequeno o número de bibliotecas que possuem computadores ligados à internet: apenas 3 das 63 pesquisadas. (ABREU et al., 2004, p.28, grifos nossos).

Como **falta o profissional bibliotecário e treinamentos necessários para os professores lotados nas bibliotecas,** esses se limitam na tentativa de suprir essa lacuna. Reclamam a escassez de treinamento oferecido pela instituição para que possam, pelo menos, exercer o papel de auxiliares de bibliotecários. (CARVALHO, 2006, p.77-78, grifo nosso).

Marcamos novamente o litígio de formações discursivas em relação ao nosso objeto; em consonância com a FD dominante, a biblioteca teria seus sentidos de ampliação, extensão e valorização postos em discurso a partir dos mesmos elementos que, na FD contrária, instalam efeitos de déficit. Como já dissemos, os dizeres sobre a biblioteca escolar sofrem grande influência das condições em que são produzidos. Longe das dificuldades vividas nas escolas públicas, a produção de sentidos sobre algumas bibliotecas na rede particular de ensino mostra-se descrita de modo bem diferente, instalando dizeres de uma realidade que é tão próxima do imaginário utópico sobre a considerada genuína biblioteca escolar.

Ao iniciar meu trabalho (há quatro anos e meio), me deparei com uma rotina escolar que jamais havia visto e para o qual o academismo da universidade não me havia preparado. Eram crianças de pré-escola indo buscar livros na biblioteca, rodas de debate literário nas salas de aula, seminários de livros entre classes, resenhas literárias e uma infinidade de crianças que entravam na biblioteca comentando sobre os livros que leram, sugerindo a compra de mais exemplares de determinado livro, contra indicando outros e dando suas opiniões sobre autores e ilustradores com tamanha desenvoltura que me impressionava. (PATENTE, 1998, p. 172).

Em relação às bibliotecas escolares da rede pública de ensino, Souza (2005) oferece um relato de experiência mais positivo, que mostra como uma biblioteca de escola pública pode ser um ambiente dinâmico e se aproximar do padrão recomendado nos discursos dos órgãos internacionais. Observamos, neste artigo, a emergência de diferentes sentidos para a biblioteca escolar, pelos quais, não se abordam apenas diretrizes a serem seguidas, nem se supervaloriza imaginariamente a biblioteca, nem se tenta inseri-la em um falso paradigma, tampouco enumeram-se seus problemas, mas sim, mostra-se o resultado benéfico da união entre teoria e prática. Os números e dados apresentados não são preocupantes estatísticas que mostram a escassez de recursos e a desvalorização da biblioteca, mas sim, as atividades realizadas, a quantidade de alunos beneficiados e outros dados que inserem a biblioteca em uma outra posição discursiva que

dialoga com sua posição social. Gostaríamos de ver mais relatos como estes, que sinalizassem uma valorização da biblioteca, a ocupação de outros lugares. É interessante ressaltar que, as doações realizadas pelos governos não são vistas como a solução mágica para os problemas, mas, como o instrumento para que diversas ações e projetos sejam instalados, realizados ou ampliados. A biblioteca acaba sendo concebida, assim, de uma forma mais dinâmica, visto que não é considerada apenas como um local que serve de abrigo aos livros recebidos.

Ainda, no final do ano letivo de 2001 fomos beneficiados pelo Programa de Bibliotecas das Escolas Estaduais (PBEE) com a aquisição de mais de 1300 obras literárias e de apoio. E como **a escola já possuía uma proposta de política de leitura, com a chegada de novos livros providenciamos de imediato a transferência do espaço da biblioteca para um local amplo, arejado e bem iluminado.** Fomos contemplados também, pelo mesmo programa, com um mobiliário novo (mesas com cadeiras e estantes). **Essas mudanças contribuíram para a eficácia dos projetos de leitura desenvolvidos** pela BDGF e permitiu atrair novos usuários. (SOUZA, 2005, p.153-154, grifo nosso).

Esta visão mais ampla pôde ser observada, quando o trabalho realizado é focado nos sujeitos-leitores – alunos, professores e em toda a comunidade escolar –, promovendo atividades mais dinâmicas, como variadas oficinas, exposições, apresentações teatrais, confecção de um jornal, etc. Destacamos que a biblioteca descrita é coordenada por uma profissional especializada que conta com a ajuda de colaboradores. A postura adotada nesta instituição e os resultados alcançados confirmam a extrema importância de que haja profissionais da informação treinados, capacitados e motivados para atuação nas bibliotecas escolares. Por fim, pudemos observar a importância do trabalho em equipe, para que a biblioteca seja, realmente, um órgão integrado à comunidade escolar. Neste sentido, a autora abaixo aponta a necessidade de ações conjuntas entre governo, universidade e escola, oferecendo, por meio da apresentação de um projeto realizado no Ceará, um bom exemplo de como é possível alavancar uma biblioteca escolar da rede pública de ensino.

Inferimos que os **professores e alunos do curso de Biblioteconomia podem ser parceiros das escolas públicas**, buscando reverter o estado atual da Educação no Ceará, daí porque resolvemos coordenar, desde agosto de 2001 com o apoio da professora Rute Batista de Pontes, o projeto de pesquisa intitulado Práticas Leitoras nas Escolas Públicas Estaduais do Conjunto Ceará. Posteriormente, oficializamos com mesmo título um projeto de extensão (CARVALHO, 2006, p.75, grifo nosso).

Ressaltamos que o projeto referido acima, a despeito do título, não enfoca apenas as atividades de leitura, promovendo, também, a emergência de outros sentidos sobre a inscrição do sujeito-bibliotecário do contexto escolar em relação às suas práticas educacionais e à importância da biblioteca e da leitura. Esta ações implementadas ultrapassaram as paredes da biblioteca, tendo sido realizado, inclusive, o I Encontro das Escolas Públicas do Conjunto Ceará, que resultou na elaboração de um documento, entregue à Secretaria de Educação do Ceará, reivindicando melhorias para as bibliotecas escolares. Carvalho e Pontes (2003) escrevem também sobre o mesmo projeto e sobre outras ações que foram implementadas. Assim, por meio do conhecimento sobre a realidade vivida pela comunidade escolar, podem ser implantados projetos, em parceria com os sujeitos escolares, não esquecendo de cobrar do governo, o papel que ele deve exercer em relação às bibliotecas das escolas públicas, visando ao seu reconhecimento social e às ações mais estruturadas.

Artigos como estes põem em discurso sentidos de que a crítica situação que descrevemos, ao longo deste nosso trabalho, pode ser revertida ou atenuada. Para tanto, é fundamental a participação dos profissionais da informação, professores e, também, das autoridades governamentais e da comunidade escolar e seu entorno, todos envolvidos na busca e prática de ações de melhoria que não sejam eventuais. Infelizmente, os dizeres e as experiências enunciados nestes três documentos não são muito recorrentes nos artigos analisados, assim como, em outros materiais com os quais tivemos contato. Julgamos que a regularidade, que foi observada nos artigos que abordam as mesmas recomendações e que trazem os mesmos problemas, sinaliza que algo não está dando

certo. Supomos que, além do pouco interesse e importância conferidos à biblioteca, a literatura sobre esta instituição pode não estar sendo suficiente, adequada ou acessível, prejudicando, ainda mais, o despontar de novos sentidos, um dizer mais polissêmico sobre esta instituição.

Não pensamos que não se deve escrever acerca dos problemas enfrentados pela biblioteca escolar e nem recomendar práticas a serem realizadas, mas sentimos falta de dizeres menos parafrásticos, mais reflexivos, críticos e produtivos que incentivem soluções passíveis de serem realizadas com sucesso e, também, de relatos que nos mostrem tais resultados, afastando a biblioteca do plano do ideal ou da triste realidade. Esperamos que ao ser problematizada, compreendida e valorizada, a biblioteca escolar possa evoluir e suscitar sentidos e resultados mais próximos dos discursivizados nestes últimos textos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: SENTIDOS QUE NÃO SE FECHAM

*No esperes que el rigor de tu camino
Que tercamente se bifurca en otro,
Que tercamente se bifurca en otro,
Tendrá fin. – Jorge Luís Borges*

Após essa nossa incursão pelas trilhas do discurso, através da qual fomos colhendo as pistas dos modos como a biblioteca escolar vem sendo significada no âmbito científico, chegamos não ao final de um percurso, mas ao início de outro. As reflexões aqui apresentadas nos mostraram que os problemas e os discursos referentes à biblioteca escolar estão acorrentados a uma série de restrições, visto que repetem o mesmo, o sentido tido como legitimado e, muitas vezes, inscrevem-se pelo silêncio de outros efeitos polissêmicos. Romper os elos, assoprar poeiras e mover sentidos oficiais são condição para que a biblioteca escolar possa ocupar outras posições no discurso e na sociedade.

Marcamos que, a partir de diferentes formas, a biblioteca escolar é vista de maneira restrita: seja por meio dos sentidos de ordem que estabelecem o quê e como ela deve ser (sem levar em conta se tais determinações se aplicam ao contexto existente), ou, através da exposição das suas precárias condições e a redução/deturpação

de seu conceito. Sendo assim, a biblioteca escolar, nos discursos analisados, é marcada pelo efeito de distanciamento em relação à reflexão e profundidade na abordagem do tema, muitas vezes, falado e significado sob a ótica do senso comum, marcado por estereótipos ou pelo silenciamento, o que dificulta, ainda, mais a inserção de sentidos novos sobre biblioteca na escola e na sociedade.

Para que melhorias nas bibliotecas escolares sejam alcançadas, é fundamental que esta instituição seja discursivizada de outro modo para que feche ou diminua a grande lacuna existente entre a teoria e a prática realizada nas bibliotecas. Consideramos que a literatura

científica deveria ser um instrumento privilegiado para a promoção do conhecimento sobre a biblioteca escolar, para tanto, ressaltamos que é necessária uma outra postura, mais crítica, ampla e polissêmica, que leve em conta as condições de produção e a instância ideológica do dizer. Por fim, marcamos que, assim como a literatura científica, os profissionais da informação podem e devem colaborar para a circulação de novas práticas e sentidos nas bibliotecas escolares, seja por meio da promoção de ações de extensão, de debates no meio acadêmico, para que se formem profissionais conscientes de seu importante papel, ou, através de uma atuação profissional mais dinâmica e produtiva nas escolas brasileiras.

THE MEANING OF SCHOOL LIBRARY IN THE INFORMATION SCIENCE DISCOURSE

ABSTRACT

This paper approaches the meaning of school library through a multidisciplinary perspective including the Information Science, the French Discourse Analysis and Education. It aims to understand how the imaginary about this institution is constructed, in the area of Information Science, and to reflect on how this symbol is influenced by the social, historical and ideological conditions of discourse production and by memory. To develop these questions, first of all, it accomplishes a brief review of the literature concerning the French Discourse Analysis; then it analyzes discourses about the school library in nineteen scientific documents (articles and works presented at scientific events), and also the different meanings of this information unit, its objectives and its ways of constituting the social imaginary. It is concluded that the information professionals could and should collaborate to the spreading of new practices and meaning in the school library.

Keywords:

SCHOOL LIBRARY
DISCOURSE
MEANING
DISCOURSE ANALYSIS
INFORMATION SCIENCE

Artigo recebido em 13/02/2008 e aceito para publicação em 10/05/2008

REFERÊNCIAS

ABREU, Vera Lúcia Furst Abreu et al. Diagnóstico das bibliotecas escolares da rede estadual de ensino de Belo Horizonte – MG: a situação dos acervos. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 17, 2004. Disponível

em: <[http://www.encontrosbibli.ufsc.br/Edicao_17/2_Diagnostico .pdf](http://www.encontrosbibli.ufsc.br/Edicao_17/2_Diagnostico.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2007.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n.19, 1990.

- BLATTMANN, Ursula; CIPRIANO, Aline de Souza. Os diferentes públicos e espaços da biblioteca escolar: da pré-escola a universidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Associação Bibliotecária do Paraná, FEBAB, 2005. CD-ROM. Disponível em: <<http://www.geocities.com/ublattmann/papers/p12.html>>. Acesso em: 17 set. 2007.
- CAMPELLO, Bernadete Santos et al. A coleção da biblioteca escolar na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 6, n. 2, p. 71-88, jul./dez. 2001. Disponível em: <www.uel.br/revistas/informacao/include/getdoc.php?id=314&article=108&mode=pdf>. Acesso em: 17 set. 2007.
- CARVALHO, Ana Maria Sá de. Trabalhando a essência da leitura e da escrita: a mediação da biblioteca escolar. **Infodiversidad**, Buenos Aires, n.10, p.73-80, 2006. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27701003&iCveNum=5690>>. Acesso em: 17 set. 2007.
- CARVALHO, Ana Maria Sá de; PONTES, Rute Batista de. Por espaços democráticos de aprendizagem. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 3, p.339-350, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=38>>. Acesso em: 17 set. 2007.
- _____. Possíveis mediações para uma cultura biblioteconômica fundada nas teorias sociointeracionistas. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 8., 2004, Lisboa. **Anais...** Lisboa: Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 2004. Disponível em: <<http://badinfo.apbad.pt/congresso8/comm5.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2007.
- CASTRO, César Augusto. Ensino e biblioteca: diálogo possível. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 63-72, jan./abr.2003. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewissue.php?id=2>>. Acesso em: 14 set. 2007.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **A leitura e os leitores**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2000.
- _____. **A ordem do discurso**. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- GARCEZ, Eliane Fioravante. Avaliação de uso como indicador para a gestão da biblioteca escolar: estudo de caso. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.12, n.1, p.59-73, jan./jun., 2007. Disponível em: <www.acbsc.org.br/revista/ojs/include/getdoc.php?id=761&article=203&mode=pdf>. Acesso em: 17 set. 2007.
- HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar: relato de experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.5, n.5, 2000. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/bibliote/acb/artpanelBE.htm>>. Acesso em: 17 set. 2007.
- KIESER, Herta; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar: espaço de interação entre bibliotecário-professor-aluno-informação: um relato. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: FEBAB, 2000. Disponível em: <<http://br.geocities.com/>>

biblioestudantes/texto_28.pdf >. Acesso em: 17 set. 2007.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso:** (re) ler Michel Pêcheux hoje. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia; MILANI, Maria Regina. Diagnóstico das bibliotecas escolares da rede estadual de ensino do município de São Carlos. **Informação & Informação**, Londrina, v. 4, n. 2, p. 79-94, jul./dez. 1999. Disponível em : <www.uel.br/revistas/informacao/include/getdoc.php?id=225&article=69&mode=pdf>. Acesso em: 17 set. 2007.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística:** Domínios e Fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001, p. 101-142.

OLIVEIRA, Sônia Maria Marques de; MORENO, Nádina Aparecida; CRUZ, Vilma Aparecida Gimenes da. Diagnóstico da pesquisa escolar no ensino de 5ª a 8ª série do 1º grau, nas escolas de Londrina-Paraná. **Informação & Informação**, Londrina, v. 4, n. 1, p. 37-50, jan./jun. 1999. Disponível em: <www.uel.br/revistas/informacao/include/getdoc.php?id=213&article=64&mode=pdf>. Acesso em: 17 set. 2007.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003a.

_____. **Análise de discurso:** princípios & procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003b.

_____. Análise de discurso. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. (Orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem:** discurso e textualidade. Campinas: Editora Pontes, 2006.

PATENTE, Sônia Maria de Araújo. A ação pedagógica da biblioteca da escola Balão Vermelho. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 1., 1998, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, Associação de Bibliotecários de Minas Gerais,

1998. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/123.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PERUCCHI, Valmira. A importância da biblioteca nas escolas públicas municipais de Criciúma - Santa Catarina. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.4, n.4, 1999. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/viewarticle.php?id=39>>. Acesso em: 15 set. 2007.

PINHEIRO, Mariza Inês da Silva; SILVA, Vimário Carvalho da. Estudo de uso: uma análise da utilização das fontes de informação nas bibliotecas escolares públicas e privadas de Rondonópolis. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 3., 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, Associação de Bibliotecários de Minas Gerais, 2004.

Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/311.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2007.

PRADO, Ricardo. Biblioteca, tesouro a explorar. **Nova Escola**, n.162, maio. 2003. Disponível em: http://novaescola.abril.uol.com.br/index.htm?ed/162_mai03/html/rep%20capa >. Acesso em: 15 set. 2007.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Memória e atualização de sentidos em três atos do discurso jornalístico. **Revista NERA**, Presidente Prudente, ano 7, n.5, jul./dez., 2004. Disponível em: <http://www2.prudente.unesp.br/dgeo/nera/Revista%20Nera%20Nº%205/ARTIGOS/5_lucilia%20maria%20souza%20romao.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2006.

SILVA, Vicente Rodrigues da. A hora do conto na biblioteca escolar: uma proposta de incentivo a leitura. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 1., 1998, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola

de Ciência da Informação da UFMG, Associação de Bibliotecários de Minas Gerais, 1998. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/124.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2007.

SOUZA, Maria Aparecida Rodrigues de. Biblioteca do colégio estadual Manoel Vilaverde: um espaço além das quatro paredes. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 152-164, jul./dez., 2005. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/libes/pdfs/16.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2007.

VIANNA, Márcia Milton; CALDEIRA, Paulo da Terra. Literatura sobre biblioteca escolar: análise dos trabalhos apresentados no Seminário Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 3., 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, Associação de Bibliotecários de Minas Gerais, 2004.

Disponível em:<<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/301.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2007.